

## ESTRUTURALISMO E FUNCIONALISMO: ANDRÉ MARTINET<sup>1</sup>

Jorge Morais Barbosa  
Universidade de Coimbra

Quando numa aula, em tarde já distante no tempo, alguém falou de Herculano e Garrett como introdutores do romantismo em Portugal, comentou Vitorino Nemésio: “Estou a imaginar o Herculano e o Garrett passando a fronteira e introduzindo no País, à socapa, o romantismo que traziam escondido nas malas.”

Talvez me nascesse aí a ideia, portanto já antiga, de que na cultura os momentos históricos não são discretos como discretas são as estações de caminho-de-ferro que os comboios vão deixando para trás ao longo da marcha. Causa-me, com efeito, tanta confusão imaginar que a Revolução Francesa se iniciou em 27 de Junho de 1789 com a cedência de Luís XVI perante os representantes do povo e pôs termo à « vieille France » quanta imaginar que a língua portuguesa começou a falar-se no século IX, se tornou moderna no século XVI e passou a actual no século XVIII. Seria caso de perguntar, como parece ter feito Vítor Hugo no Palais Bourbon a propósito do francês, “Em que dia e a que horas?” Também da história do pensamento linguístico se não pode ter, no meu entendimento, uma concepção ferroviária.

Ao reler gramáticos dos séculos XVII e XVIII – Port-Royal, d’Alembert, Beauzée... –, para não falar já de modistas e outros mais antigos, fico com a convicção de que já lá se encontra muito do que hoje aparece como novidade.

Vem isto a propósito, claro, de estruturalismo e funcionalismo: quando surgiram na história?

A resposta torna-se tanto mais difícil de encontrar quanto é verdade que nem um nem outro desses “movimentos” se apresentam homogéneos, como corpos doutrinários ou como práticas. No prefácio dos *Éléments de linguistique générale* escreveu Martinet: « Les ‘structuralistes’ d’aujourd’hui s’accordent pour poser en principe la priorité de l’analyse synchronique et pour rejeter toute

---

<sup>1</sup> O presente texto foi lido como *Última Lição* do Autor quando de sua aposentação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

introspection. Au-delà, points de vue et méthodes diffèrent largement d'une tendance à une autre, et les concordances terminologiques recouvrent souvent des divergences fondamentales » (Martinet 1960: 6), afirmação que manteve nas edições subsequentes.

Se de tais “movimentos” se não quiser afirmar o que Maurice Grammont lembrou dizerem muitos da poesia, « Cela se sent » (Grammont 1950: 6), talvez pela negativa melhor se caracterizasse o primeiro. Dir-se-ia então que ele representa uma reacção ao historicismo e ao prescritivismo dominantes em finais do século XIX e inícios do seguinte, notando-se, todavia, que, sem negar a perspectiva histórica, já o célebre *Curso*, adiante *CLG*, de Saussure (Saussure 1916) insistira tanto na necessidade de se considerarem as línguas também como sistemas que uma das heranças que nos deixou, decerto *malgré lui*, até hoje persistente em muitos espíritos, se tem traduzido no privilégio concedido às sincronias como objectos de descrição. Digo « *malgré lui* » porque nunca Saussure rejeitou o ponto de vista histórico no estudo das línguas, o que aliás se torna muito claro quando se têm presentes os seus trabalhos reunidos e publicados por Charles Bally e Léopold Gautier, em 1921, sob o título *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure* (Saussure 1921, 1984), quando se conhece a mais recente colectânea de *Écrits de linguistique générale* devida a Simon Bouquet e Rudolf Engler (Saussure 2002) e quando se sabe hoje até que ponto a vulgata do *Cours* mutilou e deformou o pensamento saussuriano.

Atribuindo-se geralmente a Saussure a fonte inspiradora do estruturalismo (Georges Mounin publicou mesmo um livro, ainda hoje excelente, intitulado *Saussure ou le structuraliste sans le savoir*: Mounin 1968), é costume notar-se que no *CLG* não figuraria o termo *estrutura*, mas sim, repetidamente, o de *sistema*.<sup>2</sup> Em todo o caso, *structure* encontra-se já nos *Cahiers* de Valéry, em 1905, « pour désigner l'agencement interne des unités qui forment un système linguistique » (Rey 1988: 3655), depois de, no século XIX, se haver associado nas ciências naturais e de seguida nas sociais ao conceito de organismo, por exemplo, nas últimas, “organismo social” (Rey 1998: *ib.*). Ainda de acordo com Rey, *ib.*, o termo foi utilizado em psicologia por Claparède em 1916, o que não deixa de interessar sabendo-se que Claparède foi de 1908 a 1940, ano de sua morte, professor da Universidade de Genebra, esta mesma onde Saussure leccionou entre 1906 e 1911 os três cursos que dariam origem ao *CLG*.

<sup>2</sup> Não é bem assim: *structure* encontra-se lá umas três vezes (pp. 180, 224 e 256) e também em Saussure 2002, mas com diferente sentido.

Pretendo com isso dizer que, por muito original que ele haja sido e por mais importante e decisiva que haja vindo a revelar-se a sua influência na história da linguística – e ninguém negaria que o foram um e outra, – o pensamento de Saussure reflecte as correntes sociológica e psicológica da época em que se conformou. E, além de as reflectir em si, veio a reflecti-las em muitos dos autores que mais ou menos explicitamente nele se inspiraram. Adiantando um passo, notar-se-á desde já que o funcionalismo de Martinet e seus discípulos, que deliberadamente se desfez do psicologismo, manteve-se, ao insistir no papel das línguas como instrumentos de comunicação, muito fiel a certos aspectos de natureza sociológica.

Reflectiu-se, desde logo, na produção científica própria dos responsáveis da sua publicação, Charles Bally e Albert Sechehaye. Se nenhum deles foi aluno de Saussure nem sequer assistiu, tanto quanto se sabe, às suas aulas, o facto de haverem decidido dar-lhes luz, indiciando o interesse que lhes suscitou o respectivo conteúdo, deixaria supor que viessem a segui-lo.<sup>3</sup> No entanto, não predominam nas obras de ambos (Bally 1935; 1944; Sechehaye 1933; 1950),<sup>4</sup> sobretudo do segundo, as visões mais especificamente linguísticas do *CLG*, mas as vertentes sociológica e psicológica deste.<sup>5</sup> De qualquer modo, a eles se devem, tanto quanto julgo saber, as primeiras repercussões do ensino de Saussure no que à importância do *sistema* diz respeito. Seria, contudo, com o Círculo Linguístico de Praga (CLP) que se difundiria o conceito, e em especial com Trubetzkoy<sup>6</sup> que ele se aplicaria a um domínio preciso, o da fonologia, curiosamente ausente do *CLG*.<sup>7</sup>

---

<sup>3</sup> Bally, que repetidamente se reclama de Saussure, a quem sucedeu na cátedra de Genebra em 1913 e a cuja memória dedica *Le langage et la vie*, chama-lhe, na lição inaugural do seu curso desse ano, « mon maître » (Bally 1965: 159).

<sup>4</sup> Sechehaye publicara já em 1908 um livro em cujo título figurava *Psychologie du langage* (Sechehaye 1908).

<sup>5</sup> Escreveu Bally: « Une linguistique qui s'inspire des idées saussuriennes doit [...] tout ramener à la conscience intérieure que nous avons de la langue. Notre méthode sera psychologique ou elle ne sera pas » (Bally 1935: 156). Apesar de tudo, Bally foi mais e melhor linguista que se pode imaginar hoje.

<sup>6</sup> Após vários artigos e a monografia de 1935 (Trubetzkoy 1935), mais conhecida através da tradução inglesa (Trubetzkoy 1968), a sua obra maior (Trubetzkoy 1939) apenas dez anos após a publicação teria difusão maior graças à tradução de Jean Cantineau (Trubetzkoy 1949).

<sup>7</sup> Como é sabido, *fonologia* corresponde aí ao que hoje se designa por *fonética*. De fonologia no sentido actual ocupou-se Saussure em outras ocasiões, nomeadamente em 1878 no *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* e em outros artigos, reunidos com aquele no *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*, Genebra, 1922, organizado por Charles Bally e Léopold Gautier.

No âmbito da Escola de Praga defende-se logo nos anos quarenta do século XX que os fenómenos individuais conformam a *estrutura* como unidade superior, um todo, com propriedades integrativas estranhas às partes, portanto não simples soma ou conjunto delas; tais fenómenos não são partes separáveis de um todo divisível, mas, ligados entre si por relações mútuas, apenas são o que são dentro de um todo hierarquicamente ordenado. Sugere-se também uma relação entre *sistema* e *estrutura*, entendendo-se por esta a organização global dos vários sistemas, fonológico, verbal, etc. E concebe-se o estruturalismo não em termos de teoria ou método, mas como o ponto de vista de acordo com o qual num sistema cada conceito é determinado pelos outros e não tem, assim, existência plena por si mesmo,<sup>8</sup> o que prenuncia um certo Hjelmslev.

Sob este princípio afirmar-se-iam algumas orientações estruturalistas, no entanto bem distintas entre si em vários pontos.

Não me deterei em trabalhos que de estrutural pouco mais têm que a palavra no título, como os de Georges Galichet (Galichet 1947, 1971), para quem « la psychologie seule peut rendre compte en dernier ressort de la nature et du fonctionnement des mécanismes grammaticaux » (Galichet 1971: I): embora negando-o, patenteiam a continuidade do psicologismo saussuriano, porventura mal entendido, embora se deva reconhecer que Galichet reagia, com alguma razão na crítica, à versão extrema do estruturalismo que ele apelidou de “neomorfologismo”, o distribucionalismo (Galichet 1971: 247-248 n.), representada nos Estados Unidos da América por Zellig S. Harris (Harris 1947) e em França por Jean Dubois (Dubois 1965 ss.).

Será curioso notar que muito cedo Bally entrevira, evidentemente recusando-as, o que viriam a ser algumas práticas distribucionalistas, quando afirmou que, para ter êxito, talvez devesse a investigação ideal ser conduzida por quem não soubesse ler nem escrever a língua de que se ocupasse (Bally 1935: 25). Disse-o, e bem, a respeito do conhecimento da história e das tradições gramaticais, mas é certo que mais tarde se viria a julgar não dever sequer o investigador entender fosse o que fosse dessa língua, de modo que a descrição se circunscrevesse aos puros mecanismos relacionais de morfemas<sup>9</sup> – o tal “morfologismo” de Galichet.

<sup>8</sup> Vachek 1960, s.u. *structure, système*.

<sup>9</sup> O termo *morphème* foi criado por Vendryes em 1914, mas só divulgado a partir de 1920, para designar os elementos linguísticos que exprimem as relações entre as ideias das representações, sendo estas chamadas *sémantèmes* (Vendryes 1950: 86, e 5, “Post-scriptum”, para as datas). Com o sentido actual, registado em 1931 pelo CLP (Vachek 1960, s.u. *morphème*), deve a popularidade a Leonard Bloomfield (Bloomfield 1933).

Antes, porém, do que se pode considerar a deriva distribucionalista do estruturalismo, já no CLP se chamara a atenção em 1940 para o facto de dever designar-se por “funcional ou, pelo menos, funcional e estrutural” a orientação linguística que vê na estrutura da língua uma instituição social e também “funcional” (Vachek 1960, s.u. *linguistique structurale*). Mas em Praga entendeu-se por *função* de uma unidade (palavra, frase, fonema...) não apenas nem sobretudo as suas relações com as demais da mesma “estrutura”, mas também o papel por ela desempenhado na formação do sentido, aspecto este cuja obliteração, devida ao que se qualificou do antipsicologismo de alguns, viria a ser lamentada no Congresso Internacional dos Eslavistas de 1958 (Vachek 1960, s.u. *fonction dans la conception pragoise*). Por aí se confirma que já no seio do CLP não era homogênea a concepção do “estruturalismo”, o qual acolhia, diríamos, várias das heranças de Saussure.

Venhamos então ao “funcionalismo”.

Caracterizando os estudos reunidos em 1970 com o título de *Estudios de Gramática Funcional del Español*, disse Alarcos que o ponto de vista neles predominante já então não representava qualquer novidade e que “todos [...] manejamos ahora con habilidad [...] esos dos adjetivos ‘estructural’ y ‘funcional’, y los correspondientes sustantivos ‘estructura’ y ‘función’” (Alarcos 1970: 9).

À leitura do modo como em momento anterior definira Alarcos a gramática estrutural, “disciplina sincrónica que trata de explicar el funcionamiento y la estructura de los sistemas lingüísticos” (Alarcos 1951: 15), dir-se-ia não haver diferença entre estruturalismo e funcionalismo, o que se entenderá admitindo-se que a identificação de uma estrutura apenas interessa se visar o conhecimento do modo como operam as peças que a constituem: e como operam não só nas relações destas umas com as outras dentro do respectivo sistema, mas também como operam na comunicação.

De facto, a escola de Copenhaga, ou seja, a glossemática, que pôde ser considerada funcionalista, atribuiu ao termo *função* um sentido declarado intermédio entre o lógico-matemático e o etimológico, justamente o que Hjelmslev considerou necessário em linguística (Hjelmslev 1961: 31-32), mas desatendeu à comunicação. Comunicação que, entretanto, dominou o pensamento de Roman Jakobson, especialmente interessado não tanto nas funções dos elementos linguísticos, mas sim, na esteira de Karl Bühler, nas funções da linguagem, e portanto com uma visão finalista, que reaparece, sem dúvida alterada, em autores como Halliday e mais ainda em Dik ou Givón. Recorde-se de passagem que as escolas que na Europa e nos Estados Unidos se têm dito funcionalistas

são posteriores ao magistério de Martinet, que os seus promotores não podiam ignorar.

Não me parece assim tão evidente quanto pretendia Alarcos que todos entendessem igualmente, e igualmente bem, os conceitos de *funcional* e *função*. De qualquer modo, a principal diferença entre as duas mencionadas obras do prestigiado autor espanhol parece-me residir no facto de na de 1951, em cujo subtítulo se inscreve “Según la Escuela de Copenhague”, apenas se levar em conta o primeiro tipo de relações, enquanto na de 1970, que declaradamente adopta pontos de vista também de Jakobson e Martinet (Alarcos 1970: 9), igualmente se considerar o segundo deles.

Deter-me-ei agora no funcionalismo de André Martinet e da escola que nele se inspira, sem deixar de notar, entre parênteses, que o seu legado está em vias de se ver sacrificado no altar, se não das modas, ao menos da complacência com a indistinção entre o que releva da comunicação e o que releva da linguística propriamente dita. Creio que bastará atentar em temáticas de colóquios da SILF (*Société internationale de linguistique fonctionnelle*), em contribuições publicadas nas correspondentes actas e em artigos de *La linguistique* para se me reconhecer razão. Não pretenderia, claro, e já o escrevi, que se tomasse por bíblia ou continuamente se repetisse o que Martinet assinou, mas julgo que seria útil, da parte de quem se reclama seu continuador, reter o essencial da sua visão das línguas e da linguística, deixando a outros o cuidado de seguir diferentes caminhos.

Em que consistiu então o essencial do seu pensamento?

Recordo que, após haver num primeiro momento associado ao qualificativo “estrutural” o de “funcional” (Martinet 1949: IX) e antes de passar a reter apenas o segundo para caracterizar o seu modo de pensar, apresentou Martinet os *Éléments de linguistique générale*, em 1960, nos seguintes termos: « L’accent sera mis autant sur la fonction des unités linguistiques que sur les structures qu’elles constituent » (Martinet 1960: 6-7).<sup>10</sup>

Para o entender devidamente, é indispensável recordar o sentido primeiro de “função” nesse passo e, em geral, na sua obra. Se é certo que o termo surge com o sentido de “papel desempenhado” no caso, por exemplo, de “funções da linguagem” ou no título, eventualmente ambíguo, do livro

<sup>10</sup> Não se deixará de notar as aspas em que Martinet envolveu os termos “estrutural”, “estruturalista” na Introdução à *Économie des changements phonétiques*, ao abrir da qual, contudo, as dispensou ao referir “os pontos de vista funcional e estrutural” que norteiam a obra (Martinet 1955: 11).

*Fonction et dynamique des langues* (Martinet 1989, 1995)<sup>11</sup>, em sintaxe ele quer dizer “relação de determinação” entre classes gramaticais, mas relação que é objecto de escolha: *leão* representará a função “objecto” em *Vi o leão grande* e a função “sujeito” em *O leão grande viu*, por não ser a mesma nos dois casos a sua relação com o núcleo verbal, mas nenhuma se atribuirá nem a *o* nem a *grande* porque nem o artigo nem o adjectivo podem fazer outra coisa senão determinar o nome. Foi assim que, na sequência de Martinet, Christos Clairis definiu *função*: « Unité linguistique, qui permet de spécifier le type de détermination entre deux unités significatives pouvant entretenir entre elles plus d’un seul type de rapport » (Clairis 2005: 90). Quer isto dizer que em *Comprar livros* não há apenas as unidades “comprar”, “livro” e “plural”, mas também uma terceira – a função “objecto”, relação de determinação de *um livro* incidente no sintagma verbal.

Vê-se que se está agora longe dos conceitos de função do CLP, mas igualmente se vê como de ali se chega à noção de estrutura como teia de relações. Relações, em Martinet, de compatibilidade e de combinabilidade entre classes sintácticas e não entre unidades individuais, mas relações que, no entanto, se não esgotam assim, uma vez que se levam também em conta as que não são de determinação, nomeadamente as que se estabelecem entre unidades que entre si comutam e portanto se excluem mutuamente, como é o caso dos determinantes “imediatos” do verbo, dos conectores, etc.

Se tal é o sentido primeiro de *função* no espírito de Martinet, não é ele o único. Recorde-se que, conforme mostrou Guillermo Rojo (Rojo 1981), não se manteve constante ao longo do tempo o pensamento de Martinet sobre a noção de função sintáctica. E que em fase já adiantada do seu percurso reflexivo concebia-a por referência à experiência, conforme se vê no seguinte passo: « le linguiste doit retrouver l’ordonnance particulière à laquelle sont soumis les faits d’expérience ». É esta “organização”, esta *ordonnance* na língua dos dados da experiência que se designa por “estrutura linguística” (Martinet 1985: 175).

De resto, a exposição que dedicou ao que considerou serem as funções sintácticas (Martinet 1979: cap. 5) afasta-se muito, para algumas delas, do tipo de relações propriamente sintácticas conforme antes definidas e não raro se informa por critérios de sentido.

Manifesta-se aqui, precisamente, a preocupação maior de Martinet com a actividade comunicativa como finalidade primeira da linguagem, patente desde

---

<sup>11</sup> O próprio Martinet o reconheceu em artigo intitulado « Les fonctions grammaticales » (Martinet 1977)

logo na sua definição de língua como “instrumento de comunicação”, no que constitui um ponto de convergência com uma das linhas de Praga, e igualmente se manifesta, desejada ou não, a vertente sociologista do ensino de Saussure. Por tal ponto, embora não apenas por ele, pôde Tullio de Mauro, num momento em que Hjelmslev já havia morrido, considerar Martinet o mais saussuriano dos linguistas então vivos.

É aqui também que se encontram, goste-se ou não, vestígios de introspecção na obra martinetiana. Não quero dizer que Martinet se orientasse pelas visões psicologistas da linguagem características de autores como os atrás citados e outros, mas sim que é constante na sua apreciação dos factos linguísticos a presença do homem falante e sobretudo do homem ouvinte, intérprete das mensagens linguísticas. Torna-se isto particularmente notório no que respeita ao reconhecimento dos sentidos, ao que ele designou por « effets de sens », de que é exemplar a discussão com Hjelmslev acerca de fr. *cousin*. Tratava-se de uma ou duas unidades? Duas para Martinet, apenas uma com variantes para Hjelmslev, dada a sua identidade formal e por exclusão da “substância do conteúdo”, isto é, do sentido, que o linguista francês entendia dever ter-se em conta (Martinet 1946: 38; Hjelmslev 1985: 191, 204; Martinet 1974: 37-45). Ora, os sentidos não existem em si, isto é, sem que alguém os crie, nem, o que mais é, fora de situação: e a situação não é linguística. Seria, em todo o caso, desejável ou sequer possível prescindir do conhecimento das situações de enunciação na identificação dos sentidos? À luz do que hoje sabemos, seguramente não.

Creio que, com excepção dos usos em que quer simplesmente dizer que não deriva do pensamento de Chomsky ou com este se não confunde, *funcional* aplicado à linguística designa algo muito simples, “que se ocupa do funcionamento”, tomado este termo no seu sentido corrente, conforme veio a explicitar Martinet (Martinet 1994). Temos assim que o adjectivo *funcional* se reporta apenas a um dos sentidos de *função*, o de “papel desempenhado” na linguagem, isto é, na comunicação, e não o de relação estabelecida dentro do sistema linguístico que serve a comunicação.

Ou seja, a linguística funcional não se deterá, como se tal fosse o seu fim, na arquitectura dos sistemas, nas relações internas das respectivas peças, na estrutura, mas procurará reconhecer para que elas servem e como actuam na comunicação, o que afinal antecipa a área da pragmática que se pode considerar propriamente linguística.

Assim sendo, o funcionalismo martinetiano incorporou na linguística o sentido de dinamismo dos processos estudados, sentido que tinha já para outras ciências em meados do século XIX (Rey 1998, p. 1452). Como não associá-lo



a outra linha de força do pensamento martinetiano, a dinâmica das línguas, origem das transformações por que elas passam?

Muito se tem inquirido sobre as razões da mudança linguística, e não vou retomar aqui o assunto: factores internos, que o estruturalismo puro e duro privilegiou, factores externos, sociológicos, psicológicos, combinações de uns e outros, tudo mais que a imaginação consente. Considerando uma língua como uma estrutura adaptável às necessidades comunicativas (Martinet 1978: 52), encontrou Martinet a fórmula que explica a mudança – “Uma língua muda porque funciona” –, fórmula simples onde porventura reside a melhor elucidação do termo “funcionalismo” em linguística e na qual mora o conceito de sincronia dinâmica, que reequaciona a distinção, erigida em máxima pelos leitores da vulgata do CLG, entre sincronia e diacronia, julgada esta como sucessão de sincronias e aquela como estática. O carácter dinâmico da sincronia reconheceu-o Martinet logo no inquérito que em 1941 realizou junto de oitocentos informantes no campo onde se encontrava prisioneiro e dele deu testemunho em 1945 na sua descrição da *Prononciation du français contemporain* (Martinet 1945), muito antes, portanto, de, descoberta a heterogeneidade dos usos, se haver julgado necessário falar de sociolinguística. Lembro haver sido Martinet, quando ensinava na Columbia University, o orientador das dissertações de mestrado e doutoramento de Uriel Weinreich, cuja primeira publicação data de 1953 (Weinreich 1953).

Permitam-me aqui, para amenizar, um parênteses. Participei há anos como arguente, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no júri que apreciava uma dissertação onde se averiguava da existência ou não, em Lisboa e no Porto, de vogais nasais de abertura 2, [é] e [ç] (*vende, ontem*). Como não encontrou estes timbres em nenhum dos inquéritos realizados, concluiu a autora que eles eram desconhecidos em ambas as cidades. *Malheur*, dois membros do júri, ambos de Lisboa, tinham-nos nos seus idiolectos...

Escreveu Hagège: « C’est une des étrangetés de l’histoire de la linguistique dans la seconde moitié du XX<sup>e</sup> siècle que le silence total sur son nom [de Martinet], où l’on peut voir, entre autres motivations plus ou moins avouables, l’occultation de ce qui s’écrit surtout en français » (Hagège 2001: 110-111).

Talvez não seja descabido apontar entre os motivos menos confessáveis de tal atitude a simplicidade e a coerência da doutrina e da obra de Martinet.

A simplicidade, em primeiro lugar.

Na realidade, a doutrina martinetiana assenta num quadro epistemológico composto de um reduzido conjunto de princípios que o tornam harmónico e eficaz. Além dos já apontados, e para mencionar apenas os fundadores, a recusa do inatis-

mo das línguas, que não da linguagem; a rejeição da introspecção como método de avaliação linguística e sua substituição pelo critério da pertinência comunicativa, reconhecida esta pelo processo da comutação; o realismo e o empirismo na observação e análise dos dados; a dupla articulação da linguagem e a consequente mútua independência da fonologia e da sintaxe; o princípio da economia linguística; a reserva quanto á existência de universais linguísticos; a atitude reticente perante a semântica. Rafael Hoyos-Andrade publicou uma *Introducción a la Lingüística Funcional*, onde, numa centena de páginas, expõe e ilustra a doutrina com cuidado e singeleza (Hoyos-Andrade 1992) que dispensam repetições.

A coerência, também.

Coerência interna, por um lado, do quadro teórico, cujos princípios se sustentam reciprocamente e nenhum dos quais compromete outro, de acordo, aliás, com o que têm comprovado as muitas teses de discípulos seus ou por estes orientadas sobre as mais variadas línguas. Mas coerência, também, de Martinet consigo próprio: ao longo da sua carreira de investigador e professor, se é certo que aqui e ali aperfeiçoou algumas das suas formulações, como foi o caso da definição de língua, nunca se contradisse, nunca inflectiu o pensamento, nunca cedeu à tentação das modas que sucessivamente invadiram o panorama linguístico, renunciou sempre à popularidade que poderia advir-lhe do discurso mediático que a tantos granjeou felicidade e proveito. « *Martinet*, resumiu Claude Hagège, *ne s'est jamais dépris de Martinet* » (Hagège 2001: 99).

Já ouvi dar o estruturalismo, mesmo funcionalista, por ultrapassado, e não é raro dividir-se aqueles capítulos de teses onde se revê o *status quaestionis* da arte em dois períodos, o estruturalista e o “científico”, iniciado este, obrigatoriamente, com Chomsky. Como nem sempre se prima pela reflexão, esquece-se, omite-se ou ignora-se constituir o gerativismo a forma extrema do estruturalismo, onde as línguas são “assépticas”, isto é, não contaminadas pelo uso, o seu pretense tirano que já Beauzée reabilitou (Diderot & d’Alembert 1751-1772, s.u. « *Langue* », « *Préposition* »).

Também já ouvi dizer que o funcionalismo tem pouco ou nenhum poder de previsibilidade e de explicação. Pensar assim é viver ainda na ideologia de que a ciência tudo explica e prevê, é manter-se fiel ao que Carlos Amaral Dias chama o grande mito do século XX – o mito do cientismo. Se nem a medicina é uma ciência exacta, conforme escreveu Manuel Antunes, como pretender que o seja a linguística? Ao contrário do que sucede nas ciências da natureza, onde se sabe que, a determinada pressão atmosférica constante (1013,25 hPa = “hectopascal”), a água gela à temperatura de 0° C e se vaporiza a 100° C, nada de equivalente se verifica nas ciências das culturas. Poderiam prever-se as di-

tongações do francês ou do castelhano? a sonorização das surdas intervocálicas em português? a passagem de *pl-* a /*ç*/ numa fase da língua e a *pr-* mais tarde? Pode-se explicar porque foram essas e não outras as mudanças? Pode-se prever o que acontecerá amanhã ou depois à fonologia ou à sintaxe do português que hoje falamos? Poderemos, quando muito, detectar linhas de eventuais mudanças, mas a detecção implica ser já notório o seu germe, isto é, que os processos se encontrem já em curso. Na realidade, sem manipulação, explicações e previsões só *a posteriori* fazem sentido nas ciências das culturas. Martinet entendeu-o perfeitamente, e disso são exemplares dois livros que fizeram fortuna, a *Économie des changements phonétiques – Traité de phonologie diachronique* (Martinet 1955) e *Des steppes aux océans* (Martinet 1987).

Muito ficou por dizer sobre estruturalismo e funcionalismo, e bem assim sobre o pensamento e a obra de André Martinet. Mas vai sendo tempo de concluir.

E tudo ficou igualmente por dizer a respeito da personalidade de André Martinet, do professor e homem que decisivamente marcou gerações de alunos, discípulos e amigos. Não era o momento de o fazer, porque aí não residia o propósito da lição, e ainda e sobretudo porque não convinha ampliar as emoções da circunstância. Tal fará a Societas Linguistica Europaea no seu 40º Encontro Anual, que, consagrado à memória do Mestre, se realizará na Universidade Joensuu, Finlândia, de 29 de Agosto a 1 de Setembro próximos. Por mim, ficará para o colóquio da SILF que em 2008 comemorará o centenário do seu nascimento.

Discípulo, com muito orgulho, de André Martinet, a quem fiquei ligado pela amizade que persiste na memória, conhecedor que julgo ser da sua obra, quase me surpreendem as vozes da *intelligenza* reinante que, sem nunca o haverem lido ou, o que pior é, entendido, displicentemente sorriem perante o seu nome. Não desejo, por isso, despedir-me com apreciações minhas, antes dar a palavra a um colega justamente respeitado pela comunidade científica e insuspeito de conservar em relação a Martinet sentimentos pessoais idênticos aos meus. Transcrevo, pois, Claude Hagège:

*« Il me semble qu'une des façons de rendre hommage à cette haute stature d'homme et de savant, c'est de faire, avec la même persévérance, tout ce qu'il n'a pas voulu faire, et que pourtant il a suggéré, par un biais toujours implicite et silencieux, que d'autres fassent, qui paraissent s'éloigner de lui et en sont néanmoins beaucoup plus proches qu'on ne croit, mais d'une façon qui ne ressemble pas aux voies ordinaires de la proximité »* (Hagège 2001: 112-113).

## Referências

- Alarcos Llorach, Emilio (1970), *Estudios de Gramática Funcional del Español*, Madrid, Gredos.
- Alarcos, Emilio (1951), *Gramática estructural*, Madrid, Gredos.
- Alarcos, Emilio (1970), *Estudios de Gramática Funcional del Español*, Madrid, Gredos.
- Barbosa, Jorge Morais (2001), « Être martinétien », *La linguistique*, vol. 37/1: 115-123.
- Bloomfield, Leonard (1935), *Language*, Londres, George Allen & Unwin [1ª ed., EUA, 1933].
- Clairis, Christos (2005), *Vers une linguistique inachevée*, Lovaina, Peeters.
- Diderot & d'Alembert (1751-1772), *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné...*, Paris.
- Dik, C.S. (1978), *Functional Grammar*, Dordrecht, Foris Publications.
- Dubois, Jean (1965 ss.), *Grammaire structurale du français*, 3 vols. Paris, Larousse.
- Galichet, Georges (1947), *Essai de grammaire psychologique*, Paris, P.U.F.
- Galichet, Georges (1971), *Grammaire structurale du français moderne*, 4ª ed., Montreal, Hurtubise-HMH [1ª ed., 1947].
- Givón, T. 1995 *Functionalism and Grammar*, Amsterdão / Filadélfia, John Benjamins.
- Hagège, Claude (2001), « Les implosions fidèles. Quelques petites suggestions pour faire fructifier l'enseignement d'André Martinet », *La linguistique*, vol. 37/1: 99-114, Paris, PUF.
- Halliday, M.A.K. (1985), *An Introduction to Functional Grammar*, Baltimore, Edward Arnold.
- Harris, Zellig S. (1947), *Methods in Structural Linguistics*, Chicago, The University of Chicago Press [4ª impressão: *Structural Linguistics*, 1960].
- Hjelmslev, Louis (1961), *Prolegomena to a Theory of Language*, Trad. de Francis J. Whitfield, Madison, The University of Wisconsin Press.
- Hjelmslev, Louis (1985), *Nouveaux essais*, Recueillis et présentés par François Rastier, Paris, PUF.
- Hoyos-Andrade, Rafael Eugenio (1994), *Introducción a la Lingüística Funcional*, Instituto Caro y Cuervo, Santafé de Bogotá.
- Martinet, André (1945), *La prononciation du français contemporain*, Paris, Droz ; 2ª ed., Genebra, Droz, 1971.

- Martinet, André (1946), « Au sujet des *Fondements de la théorie linguistique* de Louis Hjelmslev », primeiramente in *BSL*, t. 42, I, 1946, pp. 19-42, Martinet, André (1949), prefácio a Troubetskoy (1949).
- Martinet, André (1955), *Économie des changements phonétiques – Traité de phonologie diachronique*, Berna, A. Francke; nova ed., revista, Paris, Maisonneuve & Larose, 2005.
- Martinet, André (1960), *Éléments de linguistique générale*, Paris, Armand Colin [4ª ed., alterada e definitiva, 1980].
- Martinet, André (1974), « Homonymes et polysèmes », *La linguistique*, 10-2, pp. 37-45.
- Martinet, André (1977), « Les fonctions grammaticales », *La linguistique* vol. 13/2: 3-14.
- Martinet, André (1978), *Estudios de Sintaxis Funcional*, Madrid, Gredos.
- Martinet, André (1979), *Grammaire fonctionnelle du français*, Paris, Didier / Crédif.
- Martinet, André (1985), *Syntaxe générale*, Paris, Armand Colin.
- Martinet, André (1987), *Des steppes aux océans. L'indo-européen et les « Indo-Européens »*, Paris, Payot.
- Martinet, André (1989), *Fonction et dynamique des langues*. Paris, Armand Colin. (1995) Trad. portuguesa de Maria Joana Santos, Coimbra, Almedina.
- Martinet, André (1994), « Qu'est-ce que la linguistique fonctionnelle? », *O Funcionalismo em Lingüística, Alfa – Revista de Lingüística*, vol. 38: 11-18, São Paulo, UNESP.
- Mauro, Tullio de (1972), In Saussure (1972).
- Rojo, Guillermo (1981), “La evolución del concepto de función sintáctica en Martinet”, *Verba*, vol. 8: 5-48.
- Saussure, Ferdinand de (1922), *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*, org. par Charles Bally et Léopold Gautier, Genebra.
- Saussure, Ferdinand de (1972), *Cours de linguistique générale*, éd. critique de Tullio de Mauro, Paris, Payot [1ª ed. do *Cours* 1916].
- Saussure, Ferdinand de (2002), *Écrits de linguistique générale*, établis et édités par Simon Bouquet et Rudolf Engler, Paris, Gallimard.
- Sechehayé, Albert (1908), *Programme et méthodes de la linguistique théorique. Psychologie du langage*, Paris / Leipzig / Genebra, Honoré Champion / Otto Harrassowitz / A. Eggimann.
- Sechehayé, Albert (1926), *Essai sur la structure logique de la phrase*, Paris, Honoré Champion.

- Sechehaye, Albert (1933), « La pensée et la langue ou comment concevoir le rapport organique de l'individuel et du social dans le langage? », in *Essais sur le langage* présentés par J.-C. Pariente, Paris, Minuit, pp. 69-96.
- Trubetzkoy, N.S. (1935), *Anleitung zu phonologischen Beschreibungen*, Brno, CLP.
- Trubetzkoy, N.S. (1939), *Grundzüge der Phonologie*, Praga, TCLP VII.
- Trubetzkoy, N.S. (1949), *Principes de phonologie*, trad. de J. Cantineau, Paris, Klincksieck.
- Trubetzkoy, N.S. (1968), *Introduction to the Principles of Phonological Descriptions*, Trad. de L.A. Murray, Haia, Martinus Nijhoff.
- Vachek, Josef (1960), *Dictionnaire de linguistique de l'École de Prague*, Utrecht/Antuérpia, Spectrum.
- Vendryes, J. (1950), *Le langage. Introduction linguistique à l'Histoire*, Paris, Albin Michel.
- Weinreich, Uriel (1953), *Languages in Contact*, Publications of the Linguistic Circle of New York, n.º 1. Reed. Haia, Mouton, 1963.